



NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: QUADRINHOS E POESIA NA LUTA CONTRA DESIGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO

Kely Xavier da Silva¹

Doutoranda PPGL-UPM.

 <https://orcid.org/0009-0002-0501-0104>

Recebido em: 23 de janeiro de 2025

Aprovado em: 21 de fevereiro de 2025

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relacionar as nuances emocionais, vínculos afetivos e estratégias de resistência enfrentadas pelos grupos negros no Brasil, conforme retratadas nas histórias em quadrinhos da dupla Leandro Assis e Triscila Oliveira. O quadrinho em análise, intitulado *Amara* (2023) transmite uma mensagem impactante sobre afeto em meio às inúmeras desigualdades, explorando medos, anseios, mas também a força e resistência. A obra estabelece um diálogo significativo com o poema "Tenho cem razões entre mil para querer ser feliz," da escritora Esmeralda Ribeiro, amplificando a profundidade de seu conteúdo. Este estudo busca abordar os modos como se dão os diálogos entre as duas mídias, juntamente com os conceitos de racismo e sexismo de

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: kellyxavier63@hotmail.com. Doutoranda em Letras, bolsista CNPq.



Gonzales (1984) e a relação de racialidade ligada ao biopoder discutida por Carneiro (2023) que se propaga no Brasil até os dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE

Resistência; Desigualdade; Afeto.

Introdução

Para uma discussão mais abrangente das obras selecionadas para este texto, é essencial apresentar os conceitos principais, fundamentando-nos na pensadora e ativista Lélia Gonzalez. Em seu trabalho "Racismo e sexismo na cultura brasileira" (1984), Lélia explora a "neurose da cultura brasileira", nome dado ao conjunto de tensões e conflitos que permeiam a sociedade, especialmente em relação à identidade, raça e gênero. Além disso, Gonzalez destaca a importância do papel das mulheres negras e da interseccionalidade na análise da cultura brasileira, promovendo uma reflexão crítica sobre como essas questões se entrelaçam na construção da identidade nacional.²

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se

² Gonzales, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984. p. 223-244.



é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha (Gonzales, 1979b), pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (Gonzales, 1984, p.225-226).

Há uma crítica contundente às percepções e estereótipos raciais que permeiam a sociedade, expondo a naturalização do racismo, evidenciando como a desigualdade e a marginalização da população negra são frequentemente justificadas por uma série de preconceitos e ideias preconcebidas. Ao mencionar que "todo mundo acha que é natural" a miséria dos negros, a autora aponta para a desumanização e a desresponsabilização que cercam essas visões. As características atribuídas aos negros, como "irresponsabilidade" e "incapacidade intelectual", são apresentadas de forma a reforçar a ideia de que sua posição social é uma consequência de suas supostas falhas pessoais, e não de uma estrutura social opressora.

A crítica se estende aos papéis impostos às mulheres negras, que são reduzidas a funções subalternas e estereotipadas, como cozinheiras ou faxineiras. A conclusão de que, devido a esses estereótipos, a presença de negros em favelas é "natural" reflete um entendimento superficial e racista da realidade social.

Dito isso, é apresentado nesse artigo, dois textos que refletem bem as discussões que Lélia propos. O primeiro texto “Tenho cem razões entre mil para querer ser feliz” é da escritora e jornalista Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo e é uma das principais



integrantes dos cadernos negros.³ O segundo texto se trata da história em quadrinhos "Os Santos – Uma tira de ódio" (2023)⁴ que expõe a dinâmica entre duas famílias contrastantes. De um lado, encontramos os Santos, uma família da zona sul do Rio de Janeiro, envolta em privilégios e confortos. Do outro, estão as mulheres negras, que vivem em um bairro periférico no Rio, compondo o quadro de empregadas domésticas na casa dos Santos. O objetivo aqui é realizar a análise dos dois textos e depois realizar a chamada literatura comparada dos textos.

Tenho cem razões entre mil para querer ser feliz

Tenho cem razões entre mil para querer ser feliz.

A criação me pega, me abraça e beija minha testa.

Daí um frenesi me domina.

Quando passa a explosão, rasgo páginas, xingo, dou porrada, me desquito de vez da palavra.

Mas, no entanto, a criação vem como paixão bem nutrida, me pega, me abraça e beija minha testa.

Tenho cem razões entre mil, para querer ser feliz.

Ligo a tv para me encher de ilusões e viro super-homem limpando janelas.

³ Ribeiro, E. Tenho cem razões entre mil para querer ser feliz. In: QUILOMBHOJE. Cadernos negros 11. São Paulo: Edição dos Autores, 1988, p. 30.

⁴ Leandro Assis. Triscila Oliveira. "Os santos: Amara, nº 164". Rio de Janeiro, 7 de julho de 2023. disponível em: < https://www.instagram.com/p/CuZQQcOreQz/?img_index=1 > acesso: 28/02/2025



Viro mulher maravilha, mas meus sonhos acabam, quando alguém grita do reino encantado: Epa! Super-herói preto aqui não entra.

A gente vale tantos milhões de dólares que até nos deixam morrer de fome.

Todos os dias em ponto, o click do relógio fotografa-me como o padrão de operária.

Almoço cheesburger com molho burguês, batata frita e arroto indigestão.

Não sinto vontade nenhuma de tomar água, me encho de palavras.

Tenho cem razões entre mil para querer ser feliz.

Beijo minha mãe com a sensação de estar beijando o chão da África. Meu pai, de um griôt, meus irmãos, de comunidade.

Tenho cem razoes entre mil para querer ser feliz.

(Cadernos Negros 11, p. 30).

O poema apresenta uma narrativa que mescla a subjetividade do processo criativo com a realidade social de uma pessoa negra vivendo em um sistema racista. Ele combina imagens poéticas com críticas incisivas às condições de desigualdade e exclusão racial, abordando questões de identidade, pertencimento e resistência.

Na frase “A criação me pega, me abraça e beija minha testa.” sugere que a criação não é apenas um processo intelectual, mas também físico e espiritual.

No entanto, essa relação com a palavra é marcada por conflitos e frustrações: “Rasgo páginas, xingo, dou porrada, me desquito de vez da palavra.” Aqui, o eu lírico expressa a dificuldade de transformar em palavras experiências tão profundas, muitas vezes



marcadas por dor e opressão. Apesar disso, a criação retorna como uma paixão inevitável, revelando a persistência do impulso artístico.

O poema se aprofunda na questão do racismo ao abordar as barreiras impostas pela sociedade. A metáfora dos super-heróis é especialmente significativa: "Viro super-homem limpando janelas. Viro mulher maravilha, mas meus sonhos acabam, quando alguém grita do reino encantado: Epa! Super-herói preto aqui não entra." Essa passagem denuncia a exclusão racial mesmo em espaços de imaginação e fantasia. Super-heróis, símbolos de força e salvação, não têm lugar para pessoas negras nesse "reino encantado", revelando o racismo presente até mesmo nas construções culturais idealizadas.

Há também uma crítica a lógica capitalista que desumaniza corpos negros: "A gente vale tantos milhões de dólares que até nos deixam morrer de fome." Essa contradição reflete a exploração histórica das pessoas negras, que, apesar de sua contribuição econômica e cultural, continuam marginalizadas. Carneiro (2023) destaca essa relação entre o desenvolvimento capitalista nascente, especialmente durante a industrialização, e a definição de papéis raciais na sociedade brasileira.⁵ Ela sugere que o sistema capitalista atribuiu funções específicas a diferentes grupos raciais, legitimando uma hierarquia racial "funcional" para seus propósitos econômicos.

⁵ Carneiro, S. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Zahar. 2023. "O biopoder: negritude sob signo da morte" p. 67-86.



A rotina alienante do trabalho também é mencionada: "Todos os dias em ponto, o click do relógio fotografa-me como o padrão de operária." A crítica ao consumo aparece no almoço simbólico: "Almoço cheesburger com molho burguês, batata frita e arroto indigestão." Esse verso ironiza a padronização dos hábitos e a superficialidade de uma cultura dominada por valores capitalistas.

Embora se expresse as contradições e inquietações sociais, existe nessa escrita o resgate a ancestralidade como fonte de força e identidade: "Beijo minha mãe com a sensação de estar beijando o chão da África." Essa conexão com as raízes africanas e a figura do griô (guardiões da tradição oral africana) sugere a importância da memória coletiva na construção da resistência. A família é apresentada como um símbolo de pertencimento e comunidade, em oposição ao isolamento promovido pela sociedade racista. A repetição do verso "Tenho cem razões entre mil para querer ser feliz" reforça a resiliência do eu lírico. Apesar das adversidades, há um desejo persistente de felicidade, que se sustenta na criação, na ancestralidade e no afeto.

No texto dos quadrinhos, foi realizada a descrição das imagens e retirado fragmentos dos balões de fala para esse recorte.



Amara - 136⁶

Imagem 1: O primeiro quadro é ambientado em uma sala, apresenta uma mulher negra segurando um bebê, conversando com outra mulher negra. Na sala a mãe do bebê, faz um desabafo: “Eu olho para ela e me pergunto... Que pessoa ela vai ser. Será que ela vai ser feliz? Realizada?”.

Imagem 2: Neste quadrinho, vemos a outra mulher a escutando com atenção. No balão de fala, lê-se: "Felizmente, hoje nós temos uma boa situação financeira. Ela vai poder estudar. Vai ter oportunidades. Ela vai poder fazer suas escolhas!"

Imagem 3: O quadrinho apresenta uma mulher sorrindo e segurando um bebê recém-nascido. Ao lado dela, há outras pessoas que também sorriem, formando um grupo que transmite união e afeto. O balão de fala diz: "E não é só isso. Ela tem uma família que vai estar sempre do lado dela."

Imagem 4: A cena mostra uma família composta por quatro pessoas: um casal, uma criança e um bebê. Todos demonstram alegria e conexão, enquanto o pai segura o bebê. O texto no balão de fala é: "Uma família que transborda de amor por ela."

Imagem 5: A fala da mãe continua: De dentro de casa pra dentro ela vai ter tudo o que precisa.

⁶ Episódio n. 136, “Amara” (07/07/2023): <

https://www.instagram.com/p/CuZQQcOreQz/?img_index=1> acesso: 28/02/2024



Imagem 6: Nesse quadro a mãe continua sua fala com ar de inquietação: “O que me preocupa, Daiana, é da porta pra fora.

Imagem 7: No quadrinho que se segue, o cenário muda para a entrada de um parque descrito como “Parque Madureira”. A mãe agora andando acompanhada pelo pai da bebê que está em um carrinho, no quadrinho é apresentado um casal de uma mulher e homem branco, caminhando no mesmo parque. Se lê no balão: “Porque a gente sabe. Você sabe. Esse país ainda não é pra gente.”

Imagem 8: Já nesse quadro, o casal branco aborda o casal negro para brincar com a criança, se lê no balão: “Mas que gracinha! Que fofura!”

Imagem 9: E no último quadro a fala do casal branco se encerra com o balão “Você é uma negrinha muito bonita, viu!” focando na face de desconforto do casal negro ao escutar tal frase.

A história retratada nos quadrinhos aborda temas profundos relacionados à experiência negra no Brasil, explorando a relação entre identidade, racismo estrutural e expectativas para o futuro de uma criança negra. A análise pode ser dividida em três aspectos principais: afeto e estrutura familiar, desafios sociais externos e microagressões racistas. Nas primeiras cenas, a narrativa destaca a solidez e o amor dentro do núcleo familiar. A mãe demonstra preocupação com o futuro da filha, a família é apresentada como um espaço seguro e afetuoso, oferecendo suporte emocional e material. Essa base é



fundamental para fortalecer a criança contra os desafios externos. O contraste entre o ambiente acolhedor dentro de casa e o temor do que existe "da porta pra fora" já começa a ser sugerido, antecipando a tensão que será explorada nas cenas seguintes.

A partir da quinta imagem, a narrativa muda de tom ao destacar a preocupação da mãe com o ambiente social. A frase "O que me preocupa é da porta pra fora" revela o medo da discriminação racial que a filha pode enfrentar. O cenário do "Parque Madureira" serve como uma metáfora para o espaço público, onde as relações sociais se tornam mais complexas e marcadas pelo racismo. O país é descrito como um lugar que "ainda não é para gente", uma afirmação poderosa que resume o impacto do racismo estrutural. Embora a família possa prover tudo dentro de casa, o ambiente externo carrega ameaças constantes que não podem ser controladas pela estrutura familiar. As últimas imagens ilustram uma situação comum, mas carregada de violência simbólica: um casal branco, ao interagir com a criança negra, usa o termo "negrinha". Embora a intenção pareça ser um elogio, a fala carrega um peso histórico e cultural que não pode ser ignorado. Essa cena expõe as microagressões racistas – comentários ou atitudes que, mesmo sem intenção explícita de ofensa, reforçam estereótipos e hierarquias raciais. O desconforto visível dos pais negros diante da fala mostra como essas interações, aparentemente triviais, podem ser dolorosas e excludentes.

A história faz uma crítica sutil, porém contundente, ao racismo que permeia a sociedade brasileira. Ela evidencia como o racismo não se manifesta apenas em grandes



atos de violência, mas também em interações cotidianas que, embora sutis, carregam um impacto psicológico e emocional significativo. Além disso, a narrativa reforça a importância de um núcleo familiar forte e afetuoso como base para enfrentar os desafios externos. No entanto, também aponta os limites dessa proteção diante de um sistema que ainda marginaliza corpos e vidas negras.

Por fim, o desconforto mostrado nos últimos quadros provoca uma reflexão: como transformar o espaço público em um ambiente verdadeiramente inclusivo e respeitoso? A história convida o leitor a confrontar o racismo nas suas múltiplas facetas, tanto nas grandes estruturas quanto nas pequenas interações do dia a dia.

Ambos os textos — a história em quadrinhos e o poema — abordam a experiência da negritude em contextos marcados pelo racismo e pela exclusão social. Apesar das diferenças nos gêneros e nas abordagens, eles se complementam ao expor, de maneiras distintas, questões relacionadas à identidade, resistência, ancestralidade e as tensões entre o ambiente íntimo (familiar) e o espaço público (social).

Em termo teóricos, as dinâmicas sociais abordadas nos quadrinhos e no poema estão ligadas ao que Carneiro (2023) explica questões profundamente interligadas ao contexto da opressão racial e de gênero no Brasil. O conceito de biopoder, formulado por Foucault (1979)⁷, descreve como o poder moderno regula a vida das populações por meio

⁷ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



de mecanismos de controle e normatização, abrangendo aspectos como saúde, sexualidade e reprodução.

A autora critica o funcionamento da racialidade, evidenciando como ela regula e desvaloriza as vidas negras. Ela argumenta que corpos negros, historicamente, têm sido alvos de violências e exclusões sistemáticas, processos que os desumanizam e negam direitos básicos. “A racialidade no Brasil determina que o processo saúde-doença-morte apresente características distintas para cada um dos seus vetores. Assim, branquitude e negritude detêm condicionantes diferentes quanto ao viver e ao morrer.” (Carneiro, 2023, p.66) Essa dinâmica pode ser interpretada como uma manifestação específica de biopoder.

Na história em quadrinhos, a mãe reflete sobre a segurança e o amor que a filha encontrará dentro de casa: “De dentro de casa pra dentro ela vai ter tudo o que precisa.” Esse ambiente protegido é um espaço de acolhimento e cuidado, que contrasta com as ameaças externas representadas pela sociedade racista. Da mesma forma, o poema valoriza a conexão familiar e ancestral: “Beijo minha mãe com a sensação de estar beijando o chão da África.” Em ambos os textos, a família e a ancestralidade funcionam como refúgios e fontes de força para resistir às adversidades externas. Eles evidenciam a importância da coletividade na construção da identidade e na proteção emocional e cultural.

Tal preocupação com a segurança, com a incerteza está associada ao “polo subordinado da racialidade”, ou seja, a posição desfavorecida em um sistema racial hierárquico), a negritude é associada a condições de vida precárias e à exclusão de direitos,



o que resulta em desvantagens que vão além de questões sociais, atingindo a saúde e a expectativa de vida.

Assim, sob a égide do biopoder no polo subordinado da racialidade, as desvantagens se manifestam desde a infância, em que se acumulam fatores genéticos com condições desfavoráveis de vida para inscrever a negritude sob signo da morte. Como contraponto que se consubstancia na maior expectativa de vida, aos menores índices de mortalidade e morbidade como consequência de seu acesso privilegiado aos bens socialmente construídos. (Carneiro, 2023, p.67)

Essas desvantagens se manifestam na combinação de fatores genéticos com condições desfavoráveis, como pobreza, falta de acesso à saúde de qualidade e educação inadequada, inscrevendo a existência negra "sob o signo da morte".

Na história em quadrinhos, o desconforto do casal negro é exposto ao ouvir o comentário aparentemente inofensivo: “Você é uma negrinha muito bonita, viu!” Esse momento revela como o racismo se manifesta em pequenas ações e falas, reforçando estereótipos e exotificações. O poema, por sua vez, aborda o racismo estrutural de forma mais direta e abrangente: “Epa! Super-herói preto aqui não entra.” Ambos os textos denunciam a exclusão racial em espaços públicos e imaginários. Enquanto a história em quadrinhos foca nas microagressões do cotidiano, o poema amplia a crítica para incluir também o capitalismo e a alienação no trabalho.

Os dois textos compartilham uma mensagem de resistência frente às adversidades. A história em quadrinhos termina com o desconforto dos pais, mas sublinha a força da



família como um pilar de segurança e amor. Já o poema enfatiza a luta contínua pela felicidade: “Tenho cem razões entre mil para querer ser feliz.” Essa resiliência se manifesta na capacidade de encontrar forças na ancestralidade, na criação artística e na comunidade, mesmo diante das barreiras impostas pela sociedade.

Os também textos refletem sobre como o racismo impacta as vidas negras de forma estrutural e contínua. Na história em quadrinhos, o parque público simboliza o espaço social que ainda é marcado por desigualdades raciais, conforme expresso na fala: “Esse país ainda não é pra gente.” O poema expande essa crítica ao mencionar a exploração econômica e a desumanização: “A gente vale tantos milhões de dólares que até nos deixam morrer de fome.” Ambos revelam como o racismo permeia desde as interações cotidianas até as estruturas econômicas e políticas.

O poema destaca a criação artística como uma forma de resistência e expressão, mesmo em meio a frustrações: “Rasgo páginas, xingo, dou porrada, me desquito de vez da palavra.” A história em quadrinhos, por sua vez, utiliza a arte visual e o diálogo para representar a complexidade das relações raciais no cotidiano. Tanto a história em quadrinhos quanto o poema abordam as experiências vividas por pessoas negras sob diferentes perspectivas, mas com temas convergentes. Eles expõem as tensões entre a segurança do ambiente familiar e as ameaças externas do racismo, destacam a importância da ancestralidade e denunciam as estruturas de exclusão racial. Enquanto a história em quadrinhos se concentra no impacto das agressões cotidianas, o poema amplia a análise



para incluir as dinâmicas de exploração e alienação. E neles a arte é um veículo para expor as desigualdades e reafirmar a identidade negra.